



TENTATIVA DE SUICÍDIO E SENTIDO DA VIDA: ELABORAÇÕES DA PESSOA NO ENCONTRO COM PSICÓLOGO

Suicide attempt and the meaning of life: the person's elaborations in the meeting with a psychologist

Intento de suicidio y sentido de la vida: las elaboraciones de la persona en el encuentro con un psicólogo

LÁZARO SILVA QUEIROZ*

ROBERTA VASCONCELOS LEITE**

YURI ELIAS GASPAR***

DOI: <https://doi.org/10.62506/fa2n2887>

Resumo: Objetivamos investigar como a pessoa, no encontro com o psicólogo-entrevistador, elabora sua experiência de tentativa de suicídio e articula tal elaboração à questão do sentido da vida, tal como proposto pela Logoterapia de Viktor Frankl. Realizamos entrevista fenomenológica com uma usuária de um Centro de Atenção Psicossocial que havia tentado suicídio duas vezes. A análise fenomenológica da entrevista foi realizada segundo as diretrizes de van der Leeuw. Quando analisamos a tentativa de suicídio a partir da história de vida apresentada pela entrevistada, compreendemos que este ato não pode ser tomado de forma isolada. Apreendemos também impactos das relações no modo como a entrevistada compreendia a si mesma, o mundo e suas tentativas de suicídio. Tais relações, nas elaborações da entrevistada, dependendo da configuração, emergiram como fator de negação de si ou como potente fonte de sentido e fator de afirmação da vida. Diante disso, concluímos que a descoberta de um sentido para a vida pode impactar positivamente na maneira como a pessoa vive e elabora suas experiências podendo, assim, afastá-la do ato suicida.

Palavras-chave: Fenomenologia; Logoterapia; Tentativa de Suicídio; Sentido da Vida.

Abstract: We aim to investigate how the person, in the meeting with the psychologist-interviewer, elaborates their experience of attempted suicide and articulates this elaboration to the question of the meaning of life, as proposed by Viktor Frankl's Logotherapy. We carried out a phenomenological interview with a user of a Psychosocial Care Center who had attempted suicide twice. We performed a phenomenological analysis of the interview according to van der Leeuw's guidelines. When we analyze the suicide attempt based on the life story presented by the interviewee, we understand that this act cannot be taken in isolation. We also learned about the impacts of relationships on the way the interviewee understood herself, the world and her suicide attempts. Such relationships, in the interviewee's elaborations, depending on the configuration, emerged as a factor of self-denial or as a powerful source of meaning and life-affirming factor. In view of this, we conclude that the discovery of a meaning for life can have a positive impact on the way a person lives and elaborates their experiences and can thus prevent them from committing suicide.

Keywords: Phenomenology; Logotherapy; Suicide Attempt; Meaning of Life.

Resumen: Nuestro objetivo es investigar cómo la persona, en el encuentro con el psicólogo-entrevistador, elabora su experiencia de intento de suicidio y articula esta elaboración a la pregunta por el sentido de la vida, como propone la Logoterapia de Viktor Frankl. Realizamos una entrevista fenomenológica a una usuaria de un Centro de Atención Psicosocial que había intentado suicidarse dos veces. Realizamos un análisis fenomenológico de la entrevista según las directrices de van der Leeuw. Cuando analizamos el intento de suicidio a partir de la historia de vida presentada por el entrevistado, entendemos que este acto no puede tomarse de forma aislada. También aprendimos sobre los impactos de las relaciones en la forma en que la entrevistada se entiende a sí misma, al mundo y a sus intentos de suicidio. Tales relaciones, en las elaboraciones de los entrevistados, según la configuración, emergieron como un factor de abnegación o como una poderosa fuente de significado y factor de afirmación de la vida. Ante esto, concluimos que el descubrimiento de un sentido a la vida puede tener un impacto positivo en la forma en que una persona vive y elabora sus experiencias y así puede prevenir que se suicide.

Palabras-clave: Fenomenología; Logoterapia; Intento de suicidio; Significado de la vida.

* Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil. E-mail: lazaro.queiroz@ufvjm.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3542-6308>

** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3110-0509>

*** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4217-4848>



Introdução

Etimologicamente a palavra suicídio é derivada de dois vocábulos latinos: *sui* que pode ser traduzido como si mesmo e *caederes* que faz referência ao ato de matar (Maciel & Pontes, 2019; Sena & Penso, 2019). Durkheim (1897/2000), a partir de seu estudo clássico sobre o tema, caracteriza o suicídio como a morte que resulta direta ou indiretamente de um ato praticado pela própria pessoa. Nessa mesma direção, a Organização Mundial da Saúde (2000) define suicídio como ato intencional de acabar com a própria vida. Na contemporaneidade, em consequência do aumento expressivo no número de tentativas e suicídios consumados, esse fenômeno passou a ser visto como um grave problema de saúde pública (Almeida, 2019; Angerami, 2019; Maciel & Pontes, 2019).

Conforme dados epidemiológicos, o número de óbitos por suicídio ultrapassa, anualmente, 800 mil em todo o mundo. Esse número fez o suicídio tornar-se, em 2012, a 15ª causa de mortalidade na população em geral (Abreu, Lima, Kohlrausch & Soares, 2010; Brasil, 2017; Maciel & Pontes, 2019). Entre jovens de 15 a 29 anos, a situação é ainda mais grave visto que o suicídio ocupa a 2ª posição em relação às outras causas de mortes (Brasil, 2017; Maciel & Pontes, 2019). Botega (2014) ressalta que, em média, 1920 pessoas suicidam-se todos os dias pelo mundo. Isso significa que a cada 40 segundos uma pessoa põe fim na própria vida (Cardoso et al. 2012).

Diante desse cenário, é grande o número de estudiosos de diferentes disciplinas e perspectivas que se debruçam sobre essa temática e que afirmam que o suicídio é um fenômeno de alta complexidade, envolvendo múltiplos fatores (Almeida, 2019; Maciel & Pontes, 2019; Sousa, 2019). Aquino (2009) aponta que, de maneira geral, o estudo sobre o suicídio divide-se em três grandes abordagens: sociológica, orgânica e psicológica. Na abordagem sociológica, destaca-se a obra do sociólogo francês Émile Durkheim (1897/2000). A abordagem orgânica geralmente associa o comportamento suicida a transtornos mentais (Kaplan, Sadock & Grebb, 1997; First, Frances & Pincus, 2004) e alterações de aspectos neurobiológicos (Turecki, 1999). A abordagem psicológica subdivide-se em diferentes vertentes de compreensão e investigação do tema como, por exemplo, a perspectiva da terapia cognitivo-comportamental (Gatti & Mendes, 2020; Marback & Pelisoli, 2014), a visão psicanalítica (Freud, 1917/1969; Gay, 1999), a teoria dos estágios de Poldinger (1969) e a visão fenomenológica (Angerami, 2019; Landsberg, 1946/2009; Oliveira, Leite & Gaspar, 2021; Rabelo, 2019).

No campo da psicologia fenomenológica, Angerami (2019) compreende o suicídio como um ato de desespero onde a pessoa não consegue encontrar alternativas para um intenso sofrimento, optando pela autoaniquilação. Para esse autor, a tentativa de compreensão do suicídio culmina necessariamente em um paradoxo, visto que a essência do fenômeno é inapreensível, fazendo-se permanente seu caráter de mistério.

Na Logoterapia, vertente da psicoterapia moderna proposta pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl, para se pensar acerca do posicionamento humano diante do sofrimento é indispensável que a reflexão contemple a discussão acerca do sentido da vida. A descoberta de um sentido para a existência possibilitaria ao ser humano resistir a grandes sofrimentos que pode vivenciar ao longo de sua história. Dessa forma, quando se pensa em suicídio, se faz pertinente a pergunta do quanto a descoberta de um sentido para a vida pode possibilitar, àquele que sofre, a construção de outras alternativas diante da dor. A experiência de que sua vida tem um sentido tornaria a pessoa menos propensa ao suicídio (Frankl, 1945/2008, 1946/2003, 1959/1978). Rocha, Boris e Moreira (2012) apontam a sensação de falta de sentido para a vida como um componente relevante na tomada de decisão do sujeito sobre dar um fim na própria vida.

Para Frankl (1946/2003), a pergunta acerca do sentido da vida é inevitável e cada vez mais fundamental. Frankl (1945/2008) chegou a afirmar que, ao contrário do tempo de Freud ou Adler, onde as pessoas se queixavam de sentimentos de inferioridade ou frustrações sexuais, em seu tempo as pessoas passaram a se queixar de um sentimento de inutilidade da vida que se manifestava por meio do tédio, do desinteresse e da indiferença. Essa experiência de sensação de falta de sentido para a vida ou vazio existencial poderia gerar transtornos psicossociais como, por exemplo, aquilo que o próprio Frankl (1945/2008) denominou de tríade da neurose de massa, composta pela depressão, agressividade e toxicodependência. Para Frankl (1945/2008, 1946/2003), o indivíduo que ainda não descobriu um sentido para sua existência prescinde de um elemento que poderia criar obstáculos a diversas tendências e impulsos suicidas decorrentes de fatores biológicos, sociológicos e/ou psicológicos.

Frankl (1946/2003) afirma que o ato suicida carece de justificativa. Mesmo em situações em que a pessoa possui a convicção subjetiva de que sua situação não tem outra saída, nada garante que o futuro não poderá ser diferente.

Com efeito, a convicção subjetiva é afinal a mesma firme convicção em todos aqueles que se decidem pelo suicídio, e nenhum deles pode saber de antemão se precisamente a sua convicção é objetiva e fun-



damentada ou, pelo contrário, não virá a ser desmentida pelo acontecer das próximas horas que, dadas certas circunstâncias... não mais viverá (Frankl, 2003, p. 89).

Em relação ao mundo contemporâneo, Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) propõe que a vivência da falta de sentido para a vida é um fator crucial para o aumento no número de suicídios. Segundo a psicóloga vienense Elisabeth Lukas (1992), discípula de Frankl, a ausência de sentido para a vida leva o ser humano a buscar compensação no prazer, que está vinculado ao poder, ao sucesso, ao dinheiro e ao hedonismo. Em um nível mais amplo, Lukas (1992) aponta que nas últimas décadas do século XX, a sociedade deixou de vivenciar valores e abandonou tradições, o que levou ao fracasso da realização de sentido reforçando a busca pelo prazer como o caminho para a felicidade. O paradoxo é que quanto mais o indivíduo transforma essa busca na finalidade última de sua existência, menor é o seu sentimento de prazer e realização, consequentemente maior é a experiência de inutilidade da própria vida e vazio existencial. Nesse processo, a vida sem sentido torna-se também sem prazer, beirando o insuportável.

Frankl (1946/2003) afirma ainda que vivemos em uma época em que as pessoas têm buscado meios para viver, mas não têm encontrado razões para viver. As pessoas buscam meios para a própria subsistência, mas têm encontrado dificuldade na busca pelo sentido que é fundamental na superação dos sofrimentos. A descoberta de um sentido para a vida pode conduzir o sujeito a um posicionamento diferente diante das dores existenciais.

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) propõe que o sentido da existência humana deve ser descoberto no mundo e não dentro da pessoa ou da sua *psique*. Frankl (1945/2008) chamou essa característica constitutiva do indivíduo de autotranscendência da existência humana. Tal conceito remete ao fato de que o ser humano sempre se dirige a algo ou alguém diferente de si mesmo. Isso significa que a essência da existência humana radica na autotranscendência, “ser homem significa, de *per si* e sempre, dirigir-se e ordenar-se a algo ou alguém: entregar-se o homem a uma obra a que se dedica, a um homem que ama, ou a Deus, a quem serve” (Frankl, 2003, p. 45).

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978), de maneira ampla, aponta três caminhos pelos quais se pode chegar ao sentido da vida: os valores de criação, de experiência e de atitude. A efetivação dos valores de criação se dá pela consumação de um trabalho ou de um ato que somente aquela pessoa pode realizar. Aqui temos a concretização da potencialidade singular de cada pessoa mediante um fazer como, por exemplo, a criação de uma obra artística ou científica (Frankl, 1946/2003).

Mas a pessoa humana não atinge a plenitude da sua existência somente quando efetua uma ação ou cria uma obra, encontra sentido na vida também ao experimentar certo tipo de vivências. Esses são os valores de experiência ou vivenciais “que se realizam, por exemplo, ao acolher o mundo, na entrega à beleza da natureza ou da arte” (Frankl, 2003, p. 82). Os valores vivenciais também podem ser realizados quando o indivíduo se depara com algo ou alguém que lhe possibilita vivenciar experiências como o amor, a amizade, a bondade ou a verdade (Frankl, 1945/2008).

A terceira possibilidade de realização através do sentido encontra-se nos valores de atitude que nos remetem ao posicionamento da pessoa humana em relação a um sofrimento inevitável que o destino lhe impõe. Dessa forma, essa categoria de valores diz respeito ao modo como o ser humano se insere em uma limitação imutável da sua vida, “mesmo uma vítima desamparada, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma” (Frankl, 2008, p. 168).

Quando pensamos em possibilidades de intervenção do psicólogo em relação à pessoa com intenção suicida, o encontro é elemento primário. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a refletir sobre de que forma o encontro com o psicólogo-entrevistador impactou na vivência e na elaboração da pessoa entrevistada em torno da sua experiência de tentativa de suicídio. Um aspecto importante é que neste trabalho, o encontro é compreendido enquanto acontecimento que pode apresentar reverberações significativas na pessoa que o vivencia (Gaspar, 2014; Mahfoud, 1989, 2018, 2019). Assim sendo, este estudo se propôs a investigar como a pessoa, no encontro com o psicólogo-entrevistador, elabora sua experiência de tentativa de suicídio e articula tal elaboração à questão do sentido da vida. A presente pesquisa se enquadra na perspectiva fenomenológica, em diálogo com pressupostos da Logoterapia, e propôs a coleta de dados empíricos através de entrevista fenomenológica semiestruturada para compreender o fenômeno do suicídio sob a luz da experiência de uma pessoa que tentou se matar, obedecendo à máxima husserliana de voltar às coisas mesmas (Ales Bello, 2004). A compreensão do fenômeno em análise ancorou-se na *epoché* (Ales Bello, 2004), isto é, na suspensão dos pré-juízos sobre o tema num movimento de abertura para a experiência tal como ela se manifesta, buscando colher elementos que possam enriquecer a compreensão do suicídio enquanto fenômeno humano, complexo e carregado de sentidos pessoais, sociais, culturais e históricos.

Metodologia

Diante das várias possibilidades de investigação acerca do suicídio, adotamos o método fenomenológico por considerar sua ênfase na experiência tal como elaborada pelo próprio sujeito e por buscar analisar como



a vivência se estrutura em sua unidade e complexidade (Oliveira, Leite & Gaspar, 2021; Rabelo, 2019).

Optamos pela realização de entrevista fenomenológica como instrumento de coleta de dados por reconhecê-la como propícia para acessar o modo com o qual o sujeito vive e elabora a própria experiência por meio de uma escuta interpessoal, suspensiva, empática e reflexiva (Barreira & Ranieri, 2013). Essa modalidade de entrevista foi realizada com uma mulher de 46 anos que havia feito duas tentativas de suicídio e, no momento da entrevista, estava em acompanhamento em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) onde o psicólogo-entrevistador trabalhava. Os CAPS são serviços públicos disponibilizados para o tratamento de pessoas com transtornos mentais graves e/ou persistentes. Os usuários dos CAPS têm acesso a vários serviços ofertados pela instituição: oficinas terapêuticas, atendimentos psicológicos, atendimentos em grupo, consultas médicas, visitas domiciliares, atendimentos com familiares, dentre outros (Brasil, 2006).

Após autorização das instâncias competentes¹, a entrevista foi realizada presencialmente no CAPS, em ambiente sigiloso e adequado. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) impresso para leitura, assinatura e devolução. Antes do início da entrevista, foram descritos os objetivos da pesquisa e se disponibilizou tempo suficiente para o esclarecimento das possíveis dúvidas em relação ao TCLE.

No momento da entrevista, foi feita a seguinte pergunta disparadora: “Gostaria que você me falasse sobre a sua história de vida, destacando momentos significativos bons ou ruins que já viveu”. A pergunta é intencionalmente ampla visto que se considera o tema da pesquisa delicado. Essa forma de abordagem do tema é indicada por especialistas (Brasil, 2006; OMS, 2000) e aplicada em outros estudos (Oliveira, Leite & Gaspar, 2021), o que atesta a sua pertinência. Como roteiro orientador, algumas questões foram abordadas como: momento de vida em que a tentativa ocorreu, situações vividas que poderiam estar relacionadas ao acontecimento, ausência ou presença de apoio social antes e após a tentativa, possíveis fatores protetores, cuidado atual com a própria saúde mental, tratamentos pregressos em serviços de saúde mental, sentidos da vida que o sujeito entrevistado reconhecia como significativos, como os outros lidavam com o sujeito entrevistado naquele momento, dentre outros. A entrevista foi gravada em registro sonoro e, posteriormente, transcrita integralmente.

No tópico “Resultados”, utilizamos um nome fictício para a pessoa entrevistada e seus familiares com o objetivo de manter sua identidade em sigilo. Além disso, grafamos em itálico os termos retirados da transcrição da entrevista e destacamos também entre aspas trechos longos da fala da participante que não estão recuados em relação ao texto.

A análise de dados foi baseada na metodologia fenomenológica proposta por van der Leeuw (1964), que toma os relatos como expressões das vivências e realiza uma “escavação” da subjetividade e do mundo-da-vida. Nesse procedimento, busca-se apreender a vivência em sua estrutura. Trata-se de uma reconstrução realizada pelo investigador com o intuito de descrever o fenômeno a ser compreendido a partir dos sentidos intencionais que se abrem ao sujeito da experiência. Para tanto, van der Leeuw (1964) propõe diretrizes metodológicas que foram sintetizadas por Leite e Mahfoud (2010) da seguinte forma:

1) Nomeação de conjunto de vivências, de modo a organizá-las e torná-las inteligíveis. Neste momento, tomamos o fenômeno a partir da vivência que pretendíamos investigar, ou seja, a tentativa de suicídio e o sentido da vida, prosseguindo na organização e compreensão daquilo que se mostra;

2) Inserção metódica na própria vida. Trata-se de deixar ressoar no pesquisador a vivência contida no relato. Tal ressonância, ao mesmo tempo em que acontece no pesquisador, é indicativa da vibração do outro. É uma vibração que reconhece, a um só tempo, a pessoalidade de quem está envolvido e a humanidade que os aproxima. Sem essa vibração, não se estaria habilitado a compreender de que tipo de experiência efetivamente se trata. No que se refere ao tema do suicídio, essa ressonância foi fundamental para empatizarmos com a pessoa entrevistada e reconhecer os sentidos que constituíam a sua experiência;

3) *Epoché*. Para chegar a compreender o fenômeno efetivamente enquanto vivência, é preciso que se adote uma atitude que colha o relato enquanto elaboração da experiência (e não como fato a ser comprovado ou refutado). Além disso, foi fundamental suspender as concepções prévias que carregávamos sobre o que era o fenômeno do suicídio para que pudéssemos captar os elementos constitutivos daquilo que se apresentou durante a entrevista. Essa foi uma atitude fundamental especialmente por se tratar de um tema carregado de tabus e preconceitos;

4) Elucidação das vivências e clarificação das conexões de sentido existentes. Neste movimento de suspender e deixar ressoar para apreender aquilo que se manifesta, pode-se clarificar aquilo que se encontra. Momento em que as nomeações inicialmente propostas foram problematizadas e complexificadas a partir da contínua reinserção nos dados e em que as categorias delineadas ganharam corpo, maior detalhamento e precisão. Elucidando com mais rigor as vivências contempladas, apreendemos conexões de sentido entre elas. Neste momento, buscamos compreender os diferentes significados que compõem a experiência da pessoa em relação à sua tentativa de suicídio bem como o sentido da vida como um fator que compõe essa elaboração;

5) Compreensão das conexões de sentido de modo a configurá-las como informação. Este passo refere-se à formulação da compreensão das conexões de sentido que configuram a experiência típica relacionada ao fenômeno estudado, qual seja, como a pessoa, no encontro com o psicólogo-entrevistador, elabora sua expe-

¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, registro CAAE 59245322.7.0000.5108.



riência de tentativa de suicídio e, eventualmente, articula tal elaboração à questão do sentido da vida. Foi fundamental a constante vinculação entre compreensão e vivência: provocação a não deixar a compreensão abstrata, desvinculada da experiência compreendida;

6) Retificação contínua. Para manter a análise rigorosa, ressalta-se a importância de se retificar continuamente as compreensões alcançadas no confronto com os dados colhidos, seja com os referenciais teóricos adotados, seja nas reuniões de orientação e nos grupos de pesquisa. Sem essa retificação, corremos o risco de nos perder na própria compreensão, perdendo assim aquilo que a pesquisa visa alcançar;

7) Reconstrução e testemunho do fenômeno. Por fim, buscamos reconstruir a experiência vivida de modo a dar o testemunho daquilo que encontramos tornando acessível a compreensão da constituição e dinamismo próprio da experiência pesquisada.

Em relação à apresentação dos resultados, realizamos a reconstrução da experiência da pessoa entrevistada, intercalando trechos da entrevista e nossas análises. Iniciamos o relato apresentando brevemente a entrevistada e sua relação prévia com o entrevistador no contexto do CAPS, além de evidenciar os fatores que nos fizeram escolher aquela pessoa como sujeito de pesquisa. Reconstruímos a experiência de modo a explicitar elementos relacionados à experiência de tentativa de suicídio e o movimento próprio da pessoa entrevistada em seu encontro com o psicólogo-entrevistador. Ao final da entrevista analisada, realizamos uma síntese da experiência, buscando retomar aspectos relacionados à tentativa de suicídio e ao encontro da entrevistada com o psicólogo-entrevistador durante a entrevista. Posteriormente, realizamos uma discussão dos resultados selecionando alguns temas relevantes que emergiram da análise da entrevista.

Resultados

Joana tem 46 anos de idade, é mãe de dois filhos adultos (a filha Beatriz reside com ela e o filho Caio mora em outro município). Joana não concluiu o ensino fundamental e, no momento da entrevista, encontrava-se desempregada. A entrevistada é viúva: perdeu o marido no ano de 2015. Em 2009, seu esposo foi diagnosticado com esclerose múltipla e com a evolução da doença tornou-se totalmente dependente dela. Durante alguns anos, Joana se dedicou quase exclusivamente aos cuidados do marido que faleceu seis anos após o diagnóstico.

A entrevistada é acompanhada desde o ano de 2009 no CAPS onde o psicólogo-entrevistador trabalhava. Joana tentou suicídio duas vezes no ano de 2022 através da ingestão de uma grande quantidade de medicações psicotrópicas. Após a primeira tentativa, ficou em internação hospitalar por dezesseis dias, grande parte deles no CTI. O convite para Joana participar desta pesquisa aconteceu pelo fato de ter uma relação de confiança bem consolidada com o psicólogo-entrevistador, além da riqueza de sua experiência pessoal e seu desejo manifesto de falar sobre sua tentativa de suicídio. No dia da entrevista, compareceu ao CAPS sozinha e aparentava bom ânimo, sendo muito colaborativa e receptiva a todas as perguntas feitas durante esta entrevista.

Após leitura e assinatura do TCLE, pedi a Joana que me falasse sobre os momentos significativos bons e ruins que viveu ao longo de sua vida. Joana destacou então o fato de ter passado por muitos momentos de *luta* ao longo de sua história. Segundo ela, as dificuldades começaram quando estava com vinte e dois anos de idade e persistiam até o momento do nosso encontro. A entrevistada destacou aquela que considerou a *luta* mais difícil de sua vida: *a tentativa de suicídio*.

Eu já vivi... é... bons momentos e ruins momentos também na minha vida. Os momentos mais ruins começou eu tava com vinte dois anos. Ai dos vinte dois anos até a idade que eu tô agora, que eu tô com quarenta e seis foi uma luta assim... Uma atrás da outra, direto, e a luta mais que eu considero assim que foi mais pior pra mim foi a do ano passado que eu tentei cometer suicídio. Então, pra mim, foi a luta pior que existiu pra mim é essa... Essa luta foi a pior.

Em um primeiro momento, destacamos, na elaboração de Joana, o uso do verbo *lutar* que nos remete a um posicionamento pessoal diante do vivido, há um embate onde ela *luta*, ou seja, coloca-se de maneira ativa perante aquilo que lhe acontece, perante *os momentos mais ruins* da vida e *a tentativa de suicídio* foi, para ela, o pior deles.

Após escutar as primeiras elaborações de Joana, decidi explorar mais detidamente os fatores que estavam relacionados à sua tentativa de suicídio: *"Você pode me falar sobre o que aconteceu que te levou a tentar suicídio?"*. Diante da minha pergunta, Joana realizou um primeiro movimento de aproximação do seu ato de tentar tirar a própria vida e o associou a um fim de relacionamento.

Então a pessoa, você sabe com quem que eu tive um relacionamento... Então isso não deu certo, aí isso atrapalhou a minha mente. Aí foi entrando na minha cabeça... Foi isso mais que levou eu a cometer o suicídio. Pensei que eu não ia viver a minha vida mais, eu não queria viver a vida mais. Aí eu tentei fazer, cometer suicídio.

Inicialmente Joana associou sua tentativa de suicídio ao fim de um relacionamento, ou melhor, à manei-



ra como ela viveu o término de um relacionamento amoroso que foi *entrando em sua cabeça e atrapalhou sua mente*. As expressões *entrar na cabeça* e *atrapalhar a mente* remetem a algo que foi vivido pela entrevistada como desorganizador naquele momento. Na elaboração de Joana, o conflito vivido no relacionamento *entrou em sua cabeça e atrapalhou sua mente* de tal forma que emergiu um juízo decisivo sobre a vida, *“pensei que eu não ia viver a minha vida mais, eu não queria viver a vida mais. Ai eu tentei fazer, cometer suicídio”*.

Em seguida, traçando um movimento de complexificação da sua experiência, a entrevistada apontou outros elementos que permearam seu juízo de que *não queria viver a vida mais*. Na elaboração de Joana, durante seu relacionamento, alguns familiares se colocaram *contra* ela.

A maioria da minha família, às vezes uns não, mas outros virou contra, ficou contra, falou umas coisas até em mim pra me chegar assim em mim e me falar aquilo... Ai então que juntou tudo aquilo na minha cabeça e nessa época eu tava bem atacada mesmo. Ai foi isso que levou.

Identificamos elementos relacionais que contribuíram para a desorganização de Joana e culminaram no seu juízo de que *não queria viver a vida mais*. O relacionamento amoroso impactou outros relacionamentos que também eram significativos na experiência da entrevistada. Joana sentiu-se desorganizada pelo término do relacionamento amoroso e, naquele momento, sentiu-se também sem apoio dos seus familiares.

A tentativa de suicídio, na elaboração de Joana, vinculou-se à maneira que ela vivia diferentes relacionamentos. Aconteceu em um contexto onde ela se sentia desorganizada perante relacionamentos em que era negada. Subentendemos que há um modo de se relacionar com o outro que conduz Joana ao juízo de que a vida não valia a pena ser vivida.

Tentei compreender melhor quais comentários haviam sido desorganizadores para Joana naquela situação: *“E o que foi que as pessoas da sua família disseram?”*. Joana explicitou então os julgamentos feitos por uma familiar onde esta afirmava que ela *não era nada*, ela *não era de Deus*: *“Tipo... Não todos, né? Foi praticamente uma da minha família, falou que tipo assim, que o que tinha feito, eu não era nada mais e umas palavras muito pesadas que ela falou comigo: que eu não era nada mais, que eu não era de Deus”*. Busquei entender melhor o contexto no qual aqueles julgamentos foram feitos: *“E o que foi que você fez que eles disseram isso pra você? Que você não era nada mais, que você não era de Deus?”*. Joana esclareceu que aqueles comentários foram feitos em decorrência do seu relacionamento amoroso:

Devido esse caso que eu tive com essa pessoa. Por causa da igreja. Ai essa pessoa falou isso, dessa forma. Falou isso, então, essa pessoa falou várias coisas que me magoou muito, coisa que eu sei que na realidade não é, mas a pessoa falou, então aquilo me magoou.

Neste momento, Joana esclareceu o quanto aqueles comentários feitos pela familiar ressoaram nela, o quanto ela se sentiu *magoada* frente àqueles juízos. Na elaboração de Joana, foi exatamente naquele contexto que emergiu o juízo de que ela deveria acabar com a própria vida, *“então me levou aquilo, eu pensei, eu falei assim: eu não tenho outra saída, não tenho outra situação mais, eu tenho que acabar comigo”*. Naquele cenário onde se sentiu desorganizada pelo término do relacionamento e *magoada* pelos julgamentos feitos por uma familiar, a entrevistada não conseguia vislumbrar outra *saída* para si mesma além da morte.

Nesse momento, sintetizei para ela: *“Entendi, naquele momento você não conseguia perceber outras saídas pra sua vida além da morte.”* Na elaboração de Joana, a morte se apresentava como *saída* porque permitiria a ela se livrar daquelas situações que estava vivenciando, sua morte era a certeza de que ficaria livre de tudo aquilo. *“Eu não conseguia saber... Pra mim, a saída é essa. Vou ter certeza. Fazendo isso eu fico livre de ouvir conversa e as pessoas vão ficar livres de mim. Foi o que no momento, naquele momento, eu pensei que... E depois veio o que aconteceu”*. A partir da experiência de Joana, percebemos que a tentativa de suicídio acontece em um contexto em que a pessoa não consegue perceber outras possibilidades de se livrar da própria dor que não seja pela via da morte. Não necessariamente o suicida deseja morrer, às vezes, o suicídio é almejado diante do desejo de se libertar do sofrimento.

Logo em seguida, dentro do processo de elaboração de Joana, apareceu uma posição pessoal diferente em relação ao suicídio. Joana falou sobre seu arrependimento por ter feito aquilo, lembrou-se de pessoas que tentaram ajudá-la. A entrevistada passou a perceber o suicídio como algo com o qual não *concordava*.

Uma coisa que eu arrependi, eu não poderia ter feito isso... Eu podia ter ouvido alguns conselhos, até eu não sei se alguém sentiu, chamou, conversou comigo sobre isso... E nesse momento eu pensei: L., né, conversou comigo... Daí eu não ouvi aquele conselho, um conselho de como... Naquele momento, eu não ouvi aquele conselho, eu achei que era uma coisa boa. Mas acabou no final não foi... Não foi bom pra mim porque eu percebi que é uma coisa que eu não concordava e eu vi que eu não concordava.

Aqui evidenciou-se o movimento realizado por Joana que, inicialmente, conseguia vislumbrar uma saída apenas na morte e, em um segundo momento, entendeu que sua tentativa de suicídio *não foi boa*. Em sua elaboração, a morte deixou de se apresentar como única saída possível. Portanto, refletindo retrospectiva-



mente, Joana foi capaz de perceber que não havia só aquela saída, havia pessoas que lhe davam bons *conselhos*, conversavam com ela.

Ao revelar mais detalhes sobre o término de seu relacionamento, Joana falou sobre o *choque* que viveu ao descobrir após *um ano* de relacionamento que o companheiro fazia algo que ela não gostava. Aquele ato era motivo de reprovação por parte de sua família.

O que ele usava que eu não sabia, né, que eu... Eu tive, falei assim: se ele tivesse falado comigo no começo, não tivesse me escondido, tudo bem. Mas eu descobri já estava fazendo um ano, então aquilo pra mim foi um... foi um choque, um baque mesmo. Só que essa pessoa não aceitou que eu reclamasse, que era uma coisa que eu venho de uma família assim muito rígida. Ai depois aconteceu tudo que aconteceu, aí isso pra mim, eu fiquei muito chateada.

Entendemos que o outro, na elaboração de Joana, se apresenta como grande critério e referência. Na estruturação da sua vivência, o outro se constitui em um elemento decisivo seja para desorganizá-la, seja como elemento fundamental em seu processo de retomada da vida, como veremos adiante. Dessa forma, consideramos que o outro emerge como elemento central que compõe a compreensão de Joana sobre si mesma. O outro é capaz de se inserir de tal forma em sua subjetividade que para se *livrar* do outro, Joana opta pelo suicídio, *“e essa pessoa continuou me ligando e falando coisa e então eu pensei: já que é assim, eu vou tirar minha própria vida”*.

Ao prosseguir em suas elaborações, Joana passou a falar sobre seu processo de retomada da vida a partir da *segunda oportunidade* que recebeu de *Deus* e de sua decisão pessoal de não tentar suicídio novamente.

Eu tentei o suicídio, eu tentei não, eu fiz mesmo, né? Que como meus papel lá em casa tem morte cerebral. Mas só que Deus segurou a minha vida, me deu uma segunda oportunidade de novo. Então hoje eu já... eu não tenho isso na minha cabeça mais, eu não quero isso pra mim nem pra ninguém. Se um chegar em mim e falar assim: eu vou cometer suicídio, eu falo, pelo amor de Deus, não faça isso porque se fizer e acontecer tudo...

Joana falou sobre a repercussão da sua tentativa de suicídio na própria vida e na vida dos filhos, principalmente na vida da filha Beatriz. A entrevistada revelou sofrer ao se dar conta dos desdobramentos de sua tentativa de suicídio na vida da filha. Para Joana, aquele momento foi vivido por Beatriz com muito sofrimento.

Às vezes, tudo bem pra quem fez, pra família não. Mas igual no meu caso, eu tentei, não consegui, então pra mim foi muito ruim. Foi muito difícil, até hoje é difícil pra mim. Já tem um ano, né? Então, às vezes, eu lembro, é muito difícil pra você... É difícil. Agora que eu tô começando a lembrar, principalmente do CTI, então pra mim... Eu já começo a pensar que foi uma coisa muito triste. Principalmente pra Beatriz vendo isso tudo que ela viu. Então eu sinto uma tristeza com isso, por ela ter visto, ela ter sofrido. Então ali, todo dia vendo eu sofrer... Vendo eu em coma depois que... Assim como ela viu que me amarrou, assim, então pra mim hoje em dia isso... Eu sinto tristeza e sinto vergonha dela por ser a filha minha e viu eu nessa situação. Ela sem poder fazer nada. Então é muito difícil.

Até aquele momento do nosso diálogo, a entrevistada havia ressaltado dois fatores que a conduziram à tentativa de suicídio. Fiz a pergunta seguinte com a intencionalidade de levantar outros fatores - caso existissem - e proporcionar que Joana continuasse em seu movimento reflexivo sobre aquela experiência: *“Você destacou duas coisas no início da sua fala, que foi o julgamento dos seus familiares e o conflito nesse relacionamento... Além desses dois fatores, tem alguma outra coisa que pode ter influenciado nessa situação?”*. Joana trouxe à tona um novo elemento: o fato de se sentir *fracassada*. A entrevistada, ao olhar para si mesma, tinha o juízo de que era uma *mulher fracassada*. Sentia que vivia *dando trabalho*, encontrava-se em situação de vulnerabilidade social e não conseguia ajudar a filha no pagamento das despesas domésticas.

Várias coisas. Igual a minha vida financeira, por exemplo. Também isso tudo entrou na minha cabeça, e assim... Porque assim... Quando eu pensava que um dia ia ajudar ela em casa, começava a vir... Quando chegava a conta de luz, conta de água e aquilo, né, então entrava tudo. Então aquilo, eu já comecei a pensar: gente, sempre eu falava essa palavra, eu sou uma fracassada. Sempre eu falava com ela: eu nunca pensei, na minha vida, que eu ia ser uma mulher, dessa forma, fracassada. Eu fracassei, eu não gosto de viver assim dando trabalho pra ninguém. Eu falei: eu só vivo dando trabalho. Então isso também, isso aí foi muito ruim também, essa parte.

Reelaborei, de maneira sintética, o último juízo trazido por Joana para que ela continuasse a falar sobre aquele tema: *“Entendi. Então você tinha a sensação de que você era uma pessoa fracassada...”*. A entrevistada falou sobre como se sentia não sendo a mãe que gostaria de ser, ela considerava que não exercia o papel de mãe como deveria. Manifestou-se a discrepância entre aquilo que Joana julgava que deveria ser como mãe e aquilo que ela considerava ser na realidade. Dessa distinção, ganhou força o juízo de que era uma *mulher fracassada*.

Eu tinha a sensação que eu era uma mãe, aquela mãe que eu não conseguia pôr nada dentro de casa. Eu não



conseguia ajudar até os próprios filhos, né? Então isso também causou tudo, causou tudo na minha mente. Sobre isso, então pra mim era difícil, difícil de eu aceitar que eu não... Pra mim, a minha vida não prestava, eu pensava: eu sou fracassada. Foi isso que levou eu não ter mais vontade de viver.

À luz da experiência trazida por Joana, ficou evidente o possível impacto de uma condição de vulnerabilidade social em relação à subjetividade. A incapacidade de ajudar financeiramente a filha culminou, em Joana, na imagem de si mesma vinculada ao fracasso. A autoimagem atravessada por um juízo negativo de si mesma foi elemento importante na concretização da tentativa de suicídio da entrevistada.

Em nosso encontro, ao revisitar o ato de tentar suicídio e suas decorrências, Joana vai enriquecendo sua elaboração em torno daquelas experiências. Naquele processo, realizou um movimento de complexificação do seu entendimento sobre aquelas situações que havia vivido: sua tentativa de suicídio estava associada a vários fatores. Entendemos que o encontro da pessoa que tentou suicídio com uma presença humana cuidadosa pode deflagrar uma série de processos e ressignificações em relação ao acontecimento. Sentir-se realmente acompanhada possibilita à pessoa revisitar a experiência - mesmo que esta seja muito difícil - permitindo o surgimento de novos posicionamentos e significados em relação àquilo que foi vivido.

Após a alta hospitalar, Joana tentou suicídio uma segunda vez. Todavia, aparentemente, a segunda tentativa não trouxe grandes consequências como a primeira: a filha tomou providências imediatas e Joana ficou em observação no hospital por apenas um dia.

Foi isso e depois disso, eu vim de U. e quando foi em novembro eu tentei de novo. Só que aí quando ela percebeu que eu tava tomando os remédios, ela tomou de mim. Só que eu só fiquei internada aqui de uma noite pro dia, fiquei uma noite e um dia internada, só em observação.

Naquele momento da nossa conversa, eu queria entender quais impactos aquelas duas tentativas de suicídio haviam tido na vida de Joana: “Como é que ficou sua vida depois dessas duas tentativas de suicídio? Houve alguma mudança na sua vida? Isso te impactou de alguma forma?” Joana revelou então uma mudança pessoal após as tentativas de suicídio, falou sobre pedir força a Deus, a importância da mãe e dos filhos e da sua vontade de continuar vivendo seja a vida boa ou ruim.

Houve. Pra mim, houve melhora. Pra mim, houve melhora porque, assim, eu comecei a cair na realidade. Eu comecei a cair na realidade que nem toda coisa a gente pode fazer. A pessoa, por exemplo, não... tipo assim, não tem um motivo pra isso. Aconteceu então foi isso. Pedi Deus força primeiramente e focar em quem tá me ajudando. A pessoa que me ajuda dá pra mim um conselho bom... Vem, né, umas palavras boas. Viver minha vida da forma que ela for, mas eu quero viver minha vida seja boa, seja ela ruim. Eu quero viver minha vida porque eu fui pensar também na minha família, principalmente, minha mãe e meus filhos. Eu tenho eles ainda.

Depois das tentativas de suicídio, a relação de Joana com a vida mudou. Ela entendeu que *nem toda coisa a gente pode fazer* e decidiu focar em quem tá ajudando. Joana ressaltou um tipo específico de relacionamento onde outras pessoas querem ajudá-la e passou a colocar isso em primeiro plano. A entrevistada identificou pessoas que são importantes para ela (mãe e filhos) e assim decidiu continuar vivendo a vida seja boa, seja ela ruim. Após as tentativas de suicídio, Joana fez um movimento de reconhecer um tipo específico de relacionamento (de ajuda) capaz de fortalecer seu vínculo com a vida. A partir das elaborações de Joana, compreendemos que a capacidade de identificar, na realidade, relações e pessoas significativas possibilita uma vinculação diferente à vida. Reconhecer presenças significativas permite àquele que reconhece olhar de maneira diferente a própria vida.

Dessa forma, a partir das últimas elaborações de Joana, a família me pareceu ser um elemento fundamental em seu processo de retomada de si mesma após as tentativas de suicídio. Decidi explorar melhor este aspecto: “Parece que a família foi um elemento importante nesse processo de retomada da vida...” Joana deixou clara a importância da mãe e dos filhos em seu processo de mudança em relação à vida. A entrevistada experimentou empatia em relação aos membros da família, imaginou o quanto sua morte levaria ao sofrimento aquelas pessoas que amava e, principalmente, deu-se conta de todo o sofrimento que a filha viveu enquanto estava em processo de internação.

Pra mim, foi. Porque depois disso que Beatriz principalmente, igual vendo aquilo, ela sofreu muito. Ela falou: “Mãe, eu sofri muito, a senhora não faz isso mais não, que eu sofri muito... Aí como eu sofri, a senhora não sabe o que eu passei dentro de U., sem dinheiro, indo de pé da pensão lá naquele hospital. De pé todo dia, todo dia”. Foi dezesseis dias, ela ia me ver eu tava em coma... Mas aquilo tudo foi muito difícil, ela falou. “Você tá sofrendo, mas quem tá sofrendo é nós, mais ainda.” E mãe, né, sofreu muito também. Então aí foi isso que caiu a... a minha ficha caiu. Aí eu fui pensar porque se eu tivesse feito, o sofrimento dos meus filhos e minha mãe ia ser muito grande. Porque se eu já passei por um sofrimento de perder um da minha família, eu já sei o que é isso. Eu já sei como é o sofrimento.

“Você já viveu essa dor da perda.” Frente a minha afirmação, Joana ressaltou o quanto sua mãe e seus filhos sofre-



riam caso seu suicídio tivesse sido consumado. Lembrou-se de todo sofrimento vivenciado com a perda do marido:

Sim. Eu já, igual eu pensei, se eles me perdessem principalmente mãe e meus filhos iam sofrer muito. Por eu falar assim... porque eu já tive uma perda do meu esposo, né? Foi uma perda que eu tive dele. Depois desse que eu tentei suicídio, eu pensei aquela dor que eu senti, que eu carreguei é a mesma dor. Principalmente meus filhos ia carregar de perder a mãe e o pai, quer dizer, já perderam o pai, se eles perdesse eu... Então ia ser uma dor que não havia... ninguém ia saber o que eles ia sentir, né?

Joana reafirmou sua decisão de continuar vivendo sua vida independentemente de qualquer coisa: “Então isso tudo fez eu parar e pensar e querer viver minha vida seja ela, né, seja ela boa ou seja mais ruim... Eu quero viver a minha vida. E um conselho, se alguém falar comigo: ‘eu vou suicidar’, o meu conselho é que não.” Joana redescobriu relações pessoais que davam sentido à sua vida, redescobriu sua vontade de viver.

Ao retomarmos a entrevista com Joana, julgamos que alguns aspectos relacionados à sua elaboração e ao seu movimento pessoal merecem destaque. Em diversos momentos da entrevista, na elaboração de Joana, surgiu um outro que se tornou ponto de referência. Em um primeiro momento, outro que compõe seu movimento de vislumbrar no suicídio a única saída possível: outro que *entrou em sua mente* desorganizando-a e outro que disse que ela *não era nada*, questionando assim seu valor pessoal. Em um segundo momento, o outro surge em condição antagônica dando-lhe uma *segunda oportunidade* e sofrendo ao vê-la experienciar as consequências de suas tentativas de suicídio. De fato, dentro da elaboração de Joana, o outro é elemento fundamental seja como fonte de sofrimento ou fonte de sentido. Sobre o movimento pessoal de Joana, destacamos a forma como ela se relaciona com a possibilidade de provocar a própria morte. Joana sai de uma posição onde só enxergava saída no suicídio para um lugar de total afirmação da própria vida, diz de forma enfática: *eu quero viver a minha vida, seja ela boa ou ruim*.

Em nosso encontro, houve um movimento de complexificação do entendimento de Joana sobre aquilo que havia vivido. A cada pergunta, vinham à tona elementos novos que enriqueceram nossa compreensão em torno daquilo que havia acontecido. Relacionamento amoroso, relacionamentos familiares, situação de vulnerabilidade social, autopercepção negativa: temas que Joana escolheu abordar que nos ajudam a decifrar parcialmente aquilo que foi vivido por ela e que culminou em sua tentativa de suicídio.

Discussão

Na Fenomenologia como proposta por Husserl, é essencial a compreensão da mútua constituição entre sujeito e mundo e a consequente reconciliação entre o particular e o universal. Nesse movimento de reaproximação, o filósofo formula o conceito de mundo-da-vida que se refere ao mundo histórico e cultural, pré-científico, pré-reflexivo, nascido e estruturado no âmbito da intersubjetividade. Além disso, a Fenomenologia recoloca a experiência como elemento central para a constituição do eu-no-mundo evidenciando como o sujeito estrutura e é estruturado pelo seu mundo circundante (Rabelo, 2019). Ancorado em tais formulações, nosso trabalho se propôs a compreender a experiência de tentativa de suicídio a partir da vivência de uma pessoa que tentou suicídio considerando que esta vivência originariamente encontra-se interligada ao seu mundo histórico e cultural.

Ao analisarmos as tentativas de suicídio a partir do movimento realizado por Joana ao longo da entrevista, compreendemos que tais tentativas apareceram enquanto desfecho de um processo que aconteceu em um determinado contexto social, cultural e histórico. No relato da entrevistada, emergiram vivências de diversos acontecimentos que foram associados às suas tentativas de suicídio: término de relacionamento, negação por parte de familiares e o fato de sentir-se uma mulher fracassada.

Na ontologia dimensional proposta por Frankl (1946/2003), fundamentada no paradigma fenomenológico, a estrutura humana possui um caráter tridimensional pois apresenta: a dimensão somática, que compreende os fenômenos corporais; a dimensão psíquica, que abrange os condicionamentos, os afetos e os instintos; e a dimensão espiritual ou noológica, que diferencia o homem dos outros animais, ao permitir que se posicione perante sua condição psicofísica e lhe assegure o livre-arbítrio. Vale destacar que essas três dimensões, apesar de diferentes, não estão separadas ou isoladas, constituem uma unidade e são pertencentes umas às outras. Ao afirmar que pretende continuar vivendo independentemente de qualquer condição adversa ou pensamento, Joana evidencia tal estrutura humana na medida em que manifesta um posicionamento pessoal diante da sua condição psicofísica e/ou ambiental. Ou seja, ao se posicionar afirmando a vida mesmo diante do sofrimento, Joana efetiva aquilo que Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) nomeia como valores atitudinais que emergem exatamente desta possibilidade genuinamente humana de ser livre em quaisquer circunstâncias.

Frankl (1946/2003), ao refletir sobre o sentido da culpa, aponta que tal vivência pode apresentar um sentido existencial e ético na medida em que se configura como um sinal da liberdade e responsabilidade humanas. No relato de Joana, evidencia-se que a culpa emerge quando percebe o sofrimento da filha e se arrepende da tentativa de suicídio. Neste contexto, a culpa, assim como proposto por Frankl (1946/2003), é vivida quando ela toma consciência da própria responsabilidade perante a filha trazendo à tona sua condição de pes-



soa dotada de livre-arbítrio. Outra vivência citada por Joana que aponta para o sentido é o amor que ela nutre pela mãe e pelos filhos. Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) ressalta que o amor se caracteriza como uma das formas mais elevadas pelas quais a pessoa humana realiza o sentido da vida ao impulsionalá-la a ir além de si mesma e vislumbrar significado no outro. No relato de Joana ficou explícito o quanto o amor da mãe e dos filhos foi potencializador do seu movimento de desejar continuar vivendo mesmo em condições que poderia julgar adversas. Assim, podemos afirmar que Joana faz um movimento de reconhecimento de valores vivenciais encontrando sentido a partir do amor vivido pelos familiares.

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) nos apresenta o conceito de noodinâmica que seria um dos grandes pilares da Logoterapia. Podemos definir noodinâmica como a tensão entre aquilo que a pessoa é e aquilo que poderia se tornar na medida em que há um sentido concreto a ser realizado. No caso de Joana, tal dinâmica existencial se manifesta quando ela percebe a mãe que é e aponta a mãe que deveria vir a ser. Aqui localizamos um movimento de tentativa de melhoria de si a partir da autotranscendência (direcionado aos filhos) quando ela se dá conta da própria responsabilidade no exercício da maternidade.

Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) apresenta a tríade sofrimento-culpa-morte (tríade trágica da existência) que designa três experiências humanas inevitáveis que confrontam a pessoa com sua condição existencial. É importante ressaltar que, para Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978), tais realidades não anulam o sentido; pelo contrário, podem se tornar fontes privilegiadas de sentido, a depender da atitude pessoal adotada diante delas. Joana explicitamente se confronta com tal tríade na medida em que há o sofrimento pelo confronto com suas agruras existenciais (perdas, abandono, solidão, limites), culpa pela consciência de sua responsabilidade pelo sofrimento daqueles que ama e conscientização da morte como limite da sua condição de ser-no-mundo.

Sobre os impactos da condição de desemprego na subjetividade, temos que, segundo Dejours (2009), o trabalho pode ser elemento central para a formação da identidade e estabelecimento de laços sociais podendo repercutir diretamente na saúde mental daquele que o exerce. No que se refere a relações de gênero, por exemplo, pode possibilitar a superação das desigualdades, reverberando não somente na economia financeira, mas também na vida afetiva e sexual. Conforme Vasconcelos e Oliveira (2004), o trabalho produz sentido de inclusão social visto que a própria sociedade atribui valor aos que estão produzindo. Em pesquisa realizada com um grupo de pessoas desempregadas, Barbosa et al. (2021) identificaram que algumas significações recorrentes no grupo foram aquelas ligadas a sentimentos de perda e exclusão vivenciados na situação de desemprego, visto que a perda de rendimentos dificulta a manutenção das necessidades básicas da família, situação que leva essas pessoas a serem vistas pelo grupo familiar e social como improdutivas e culpadas. Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) nos apresenta o conceito de neurose de desemprego que seria uma modalidade de neurose noogênica (relacionada à dimensão espiritual) que ocorre quando o indivíduo, ao perder o trabalho, perde também a sensação de utilidade, o sentimento de valor pessoal e o sentido existencial ligado ao fazer cotidiano. Tal sofrimento emerge da identificação criada pelo indivíduo entre seu valor pessoal e sua função profissional e da vivência do trabalho como única fonte de sentido. No caso de Joana, estar desempregada e, assim, não possuir renda mostrou-se um elemento fortemente ligado à sua percepção de que era uma mulher fracassada. Joana sentia-se inútil ao não conseguir ajudar a filha no pagamento das despesas domésticas, sentia-se um peso para outras pessoas. Assim, diante de tudo que vivia, a condição de estar desempregada era mais um elemento vivido como gerador de sofrimento.

Dentro da elaboração de Joana, suas tentativas de suicídio apareceram enquanto ações relacionadas a uma possível saída para situações geradoras de sofrimento. Nas tentativas de suicídio, Joana não tinha como primeira finalidade a morte. Em um contexto de vida de grande desconforto, vislumbrava no suicídio uma possibilidade de libertação daquela condição. No momento em que concretizou a primeira tentativa, por exemplo, Joana disse que buscava no suicídio uma saída para o sofrimento que vivia pelo término do relacionamento, pela crítica de familiares e por sentir-se uma mulher fracassada.

Ao retomar tais elaborações da entrevistada, consideramos pertinente ressaltar o impacto da forma como ela vivia e elaborava seus relacionamentos pessoais vinculando-os à efetivação, ou não, das tentativas de suicídio. Tais relacionamentos atravessavam sua subjetividade e se constituíram como elementos de negação ou de afirmação da vida, configurando-se como potente fator de risco ou de proteção ao suicídio. Assim, Joana falou sobre o impacto emocional do término de seu relacionamento e das críticas que recebeu por parte de familiares. Em sentido oposto, apresentou o reconhecimento de relações interpessoais com pessoas que queriam ajudá-la e o vínculo afetivo com a mãe e os filhos como elementos cruciais em seu processo de retomada da vida. Relações interpessoais que demonstraram sua potência ao mobilizar a entrevistada a novas elaborações e posicionamentos constituindo-se como aspecto fundamental para negação de si ou afirmação da vida através da vivência de sentido.

Após retomar o valor dos relacionamentos com mãe e filhos, Joana faz o movimento de afirmar a vida nas mais diversas condições. Nessa direção, Lukas (1992) aponta que a descoberta de um sentido para a vida configura-se como importante elemento de prevenção ao ato suicida na medida em que se contrapõe a tal ato.

Numa vida vazia e sem sentido, falta o porquê de viver, e sem uma resposta para a pergunta “por que viver?”, também não há resposta para a pergunta “por que não morrer?”. (...) O conceito genérico de toda



prevenção de suicídios se condensa, assim, na presença de uma resposta disponível para toda pessoa, a qualquer hora, para a pergunta “para que viver?”. (Lukas, 1992, p. 190-191)

Em sentido análogo, Mahfoud (2018) aponta a radicalidade da pergunta “Vale a pena viver?” como questionamento que remete a pessoa humana a sua necessidade de descoberta de sentido. Nessa condição, emerge uma busca por resposta e não encontrá-la “pode ser tão exasperante a ponto de esvanecer os recursos pessoais para o enfrentamento dos desafios cotidianos e para a construção de vínculos interpessoais significativos” (Mahfoud, 2018, p. 423). Para Mahfoud (2018), é justamente esse posicionamento que possibilita ao sujeito humano se dar conta da provocação que se insinua na vida despertando-o para o reconhecimento do valor da própria vida. Assim a ideação suicida, na contramão desse movimento, poderia se configurar como alternativa para a ausência de concretização do percurso que levaria à descoberta de sentidos.

Sem sentido de vida, acaba-se por desejar a morte. Mesmo antes de se ter a chance de formular uma resposta pessoal à pergunta: “Vale a pena viver?”, a pessoa pode desistir da vida. (...) Em tal contexto de falta de sentido e falta de significado pessoal para o enfrentamento de adversidades cotidianas, a solução do suicídio nem mesmo aparece ao sujeito acompanhada por alguma resistência mais significativa (Mahfoud, 2018, p. 426).

Surpreendentemente, Joana redescobriu o valor da própria vida ao dar-se conta do que sua morte significaria para sua mãe e filhos. Desse movimento, emergiu uma ressignificação radical da vida a ponto de afirmar que estaria disposta a viver em qualquer condição. Naquele momento dramático, Joana descobriu um sentido capaz de opor forte resistência ao desejo de morrer mesmo em condições adversas. Entendeu que viver vale a pena.

Considerações Finais

Em seu livro “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”, Viktor Frankl (1945/2008) relata a experiência de extremo sofrimento vivida nos três anos em que foi prisioneiro de campos de concentração nazistas. Ao longo do texto, retoma algumas vezes a máxima do filósofo alemão Friedrich Nietzsche: “Quem tem porque viver, suporta quase qualquer coisa”. A frase, repetida por Frankl (1945/2008), aponta para a liberdade humana na medida em que ressalta a possibilidade de se colocar de maneira afirmativa em relação à vida mesmo em condições extremamente adversas. Quando as pessoas descobrem um sentido, elas tendem a se posicionar de maneira a afirmar a vida mesmo diante das piores situações. Para Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978), a descoberta de um sentido faz qualquer pessoa olhar de forma diferente a própria existência.

O movimento descrito por Joana ao longo da entrevista é capaz de reafirmar a potência da descoberta de um sentido para a vida como proposto por Frankl (1945/2008, 1946/2003, 1959/1978) ao elaborar as bases da Logoterapia. A entrevistada descreve o surgimento de um novo modo de olhar para si ao descobrir um sentido para a vida. No momento da entrevista, Joana demonstra clareza de que não pode erradicar totalmente os dissabores da sua existência, mas demonstra disposição para continuar vivendo seja a vida boa ou ruim. As elaborações de Joana apontam a descoberta de um sentido capaz de afirmar a vida mesmo em condições bastante adversas.

Referências

- Abreu, K. P., Lima, M. A. D. da S., Kohlrausch, E. & Soares, J. F. (2010). Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12 (1), 195-200. Recuperado em novembro de 2024, de <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/9537>
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. (M. Mahfoud & M. Massimi, Trans.). Bauru: EDUSC.
- Angerami, V. A. (2019). O desespero da noite de Natal. In: V. A. Angerami (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 11-41). Belo Horizonte: Artesã.
- Aquino, T. A. A. de. (2009). *Atitudes e intenções de cometer suicídio: seus correlatos existenciais e normativos* (Tese de doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Barbosa, E. A. G., Moura, A. R., Schlindwein, V. de L. D. C., Cruz, J. P. da, Silva, M. O. da & Santos, R. F. R. (2021). Grupo de apoio psicológico aos trabalhadores em situação de desemprego. *Psicologia: ciência e profissão*, 41, p. 1-13.
- Barreira, C. R. A. & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesqui-



- sa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: M. Mahfoud & M. Massimi (Org.), *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (p. 449-466). Belo Horizonte: Artesã.
- Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Revista Psicologia USP*, 25 (3), p. 231-36.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). *Prevenção do suicídio: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). *Boletim Epidemiológico de Tentativas e Óbitos por Suicídio no Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em Novembro de 2024, de <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>
- Cardoso, H. F., Baptista, M. N., Ventura, C. D., Branão, E. M., Padovan, F. D. & Gomes, M. A. (2012). Suicídio no Brasil e América Latina: revisão bibliométrica na base de dados Redalycs. *Diaphora*, 12 (2), p. 42-8.
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1897)
- First, B. M., Frances, A., & Pincus, H. A. (2004). *Manual de diagnóstico diferencial do DSM-IV-TR*. Porto Alegre: Artmed.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1945)
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1959)
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos de logoterapia e análise existencial* (4a. ed.). São Paulo: Quadrante. (Originalmente publicado em 1946)
- Freud, S. (1969). *Luto e melancolia* (J. O. de A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1917)
- Gaspar, Y. E. (2014). *Unidade na diversidade: Investigação fenomenológica de experiências de encontro inter-religioso* (Tese de Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gatti, P. V. & Mendes, A. I. F. (2020). As Contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental para a Prevenção do Suicídio em Pacientes com Depressão: Revisão Narrativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16 (1), p. 19-25.
- Gay, P. (1999). *Freud: uma vida para o nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de Psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. São Paulo: Artmed.
- Landsberg, P. L. (2009). *Ensaio sobre a experiência de morte e outros ensaios* (E. S. Abreu, E. Aguiar & C. Benjamim, Trans.). Rio de Janeiro: Contraponto. (Originalmente publicado em 1946)
- Leite, R. V. & Mahfoud, M. (2010). Contribuciones de la fenomenología a la investigación sobre la cultura popular y la educación. *Krinein*, 07, p. 127-150.
- Lukas, E. (1992). *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes.
- Maciel, S. C. & Pontes, A. de M. (2019). Pacientes com HIV/AIDS e ideação suicida: resgatando o sentido na vida através da logoterapia e análise existencial. In: V. A. Angerami (Org.). *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 249-69). Belo Horizonte: Artesã.
- Mahfoud, M. (1989). O eu, o outro e o movimento em formação. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Anais da XIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia* (p. 545-549).
- Mahfoud; M. (2018). Vale a pena viver? A pergunta radical requer resposta pessoal. In: V. A. Angerami (Org.), *Sobre o suicídio: A psicoterapia diante da autodestruição* (p. 423-33). Belo Horizonte: Artesã.
- Mahfoud, M. (2019). Suicídio versus encontro interpessoal: luzes e sombras no processo psicoterápico. In: V.



- A. Angerami (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 391-403). Belo Horizonte: Artesã.
- Marback, R. F. & Pelisoli, C. (2014). Terapia cognitivo-comportamental no manejo da desesperança e pensamentos suicidas. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10 (2), p. 122-129.
- Oliveira, A. J. A. de, Leite, R. V. & Gaspar, Y. E. (2021). Vivências e Elaboraões Sobre a Tentativa de Suicídio na Adolescência: Estudo de Caso Fenomenológico. *Revista Psicologia e Saúde*, 13 (2), p. 19-32.
- Organização Mundial da Saúde. (2000). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Genebra: Departamento de Saúde Mental.
- Poldinger, W. (1969). *La tentativa al suicidio: estudio medico-psicológico y medico sociológico*. Madri: Morais S. A.
- Rabelo, E. A. (2019). *A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram* (Tese de Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rocha, M. A. S. da, Boris, G. D. J. B. & Moreira, V. (2012). A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18 (1), p. 69-78.
- Sena, D. P. A. de & Penso, M. A. (2019). Por que os nossos jovens se matam? In: V. A. Angerami (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 271-91). Belo Horizonte: Artesã.
- Sousa, G. S. de. (2019). Atuação do enfermeiro no comportamento suicida. In: ANGERAMI, V. A. (Org.), *Suicídio e suas interfaces: o ardiloso emaranhado da autodestruição* (p. 63-72).
- Turecki, G. (1999). O suicídio e sua relação com o comportamento impulsivo-agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21, p. 18-21.
- Van der Leeuw, G. (1964). *Fenomenología de la religión*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Vasconcelos, Z. B. & Oliveira, I. D. (2004). *Orientação vocacional: Alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos*. São Paulo: Vetor.

Recebido em 15.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 23.12.2025 – Aceito em 20.01.2026